



1 julho
Sábado
21.30h

Teatro Nacional de São Carlos
Lisboa

Orquestra Sinfónica Portuguesa
Coro do Teatro Nacional
de São Carlos
Nuno Côrte-Real, maestro
Luis Lima Barreto, narrador

Robert Schumann (1810-1856)
Sinfonia nº 2

1. *Sostenuto assai. Un poco più vivace.*
Allegro ma non troppo
2. *Scherzo: Allegro vivace. Trio 1. Trio 2. Coda*
3. *Adagio espressivo*
4. *Allegro molto vivace*

Nuno Côrte-Real (1971 -)
*Cantata Vera Cruz op.56 **

(a partir da Carta de Pêro Vaz de
Caminha a El-Rei D. Manuel
sobre o achamento do Brasil)

1. Senhor: Posto que o capitão desta vossa frota...
2. Neste dia, a horas de véspera,...
3. Mandou lançar o prumo...
4. E estando Afonso Lopes, nosso piloto, ...
5. Mostraram-lhes um papagaio pardo...
6. Então estiraram-se de costas na alcatifa...
7. Ao sábado pela manhã mandou o capitão...
8. Enquanto estivemos à missa e à pregação...
9. Então tornou-se o capitão aquém do rio...
10. Além do rio, andavam muitos deles...
11. Parece-me gente de tal inocência...
12. Neste dia, enquanto ali andaram,...
13. Chantada a cruz, com armas e a divisa...
14. Esta terra, Senhor, me parece que...

* Estreia absoluta. Encomenda do festival

Concerto em co-produção com



Nascido em Lisboa em 1971, Nuno Côrte-Real tem vindo a afirmar-se como um dos mais importantes compositores e maestros portugueses da atualidade. Das suas estreias destacam-se *7 Dances to the death of the harpist* na Kleine Zaal do Concertgebouw em Amsterdam, *Pequenas músicas de mar* na Purcell Room em Londres, Concerto Vedras na St. Peter's Episcopal Church em Nova York, *Novíssimo Cancioneiro* no Siglufirdi Festival em Reikiavik, e *Andarilhos* - música de bailado na Casa da Música no Porto. Dos agrupamentos que têm tocado a sua música destacam-se a Orquestra Sinfónica Portuguesa, Coro do Teatro Nacional de São Carlos, Coro e Orquestra Gulbenkian, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Remix Ensemble, Royal Scottish Academy Brass, Orchestrutopica, e solistas e maestros como Lawrence Renes, Julia Jones, Stefan Asbury, Ilan Volkov, Kaasper de Roo, Christoph König, David Alan Miller, Paul Crossley, John Wallace, Mats Lidström, Paulo Lourenço e Cesário Costa. Tem gravado a sua obra para as etiquetas Portugal Som, Numérica, Deux-Elles, Classic Concert Records e Odradek Records. No mundo cénico, Nuno Côrte-Real trabalhou com, entre outros, Michael Hampe, Pedro Cabrita Reis, Maria Emília Correia, Victor Hugo Pontes, André Teodósio, João Henriques, Rui Lopes Graça, Paulo Matos e Margarida Betencourt, tendo realizado as óperas de câmara *A Montanha*, *O Rapaz de Bronze*, o "intermezzo" *O Velório de Cláudio*, com libreto de José Luís Peixoto, e *Banksters*, com libreto de Vasco Graça Moura e encenação de João Botelho, espetáculo que obteve um êxito inaudito na história recente da música contemporânea portuguesa. Tem dirigido regularmente orquestras como a Orquesta Ciudad Granada, Real Filharmonía de Galicia, Orquesta de Extremadura, Orquestra Fundación Excelentia (Madrid), Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra do Norte, Orquestra do Algarve, Orquestra Filarmonia das Beiras, Orchestrutopica, Camerata du Rhône (Lyon) e Ensemble Darcos. Em Junho de 2015, apresentou-se pela primeira vez na sala sinfónica do Auditorio Nacional de Madrid, Espanha. É fundador e diretor artístico do Ensemble Darcos e da Temporada Darcos. Tem participado em vários festivais internacionais de música, onde se destacam os de Sintra, Estoril e de Póvoa de Varzim, e dirigido solistas tais como Artur Pizarro, Massimo Spadano, Nicola Ulivieri, Ana Quintans, Alexey Sychev, Filipe Pinto Ribeiro, Adriano Jordão, Giulio Plotino, Filipe Quaresma e Luís Rodrigues, entre outros. Foi bolseiro do Centro Nacional de Cultura, e em 2003 foi-lhe atribuída a medalha de Mérito Grau Prata da Câmara Municipal de Torres Vedras.



Luis Lima Barreto, licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. No teatro, iniciou a sua atividade no Grupo de Teatro da Faculdade de Letras, em 1965. Em 1968 entrou para o Teatro Experimental de Cascais, tendo depois passado pela Casa da Comédia, e, em 1973, passou a integrar o elenco inicial do Teatro da Cornucópia, onde permaneceu até hoje, participando como ator na maior parte dos espetáculos ali representados, dirigido por Luís Miguel Cintra, Jorge Silva Mello, Stephan Stroux, Christine Laurent e Brigitte Jacques. Em 2010 participou em São Paulo no espetáculo *Vieira 400 Anos*, dirigido por Anna Maria Kieffer. Começou a ler poesia dirigido por Gastão Cruz, colaborando em inúmeros recitais. Em 1994, participou em Bordéus no certame *Le Monde Autour du Livre*, com a leitura das *Éclogas* de Bernardim Ribeiro e da poesia de Ruy Belo. Gravou em CD a leitura de excertos da *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, o *Sermão* de Santo António, de Padre António Vieira, a leitura de *Clepsidra*, de Camilo Pessanha, e *Odes*, de Ricardo Reis; participou na leitura de *A Margem da Alegria*, de Ruy Belo e na antologia de poesia do século XX, *Ao Longe os Barcos de Flores*. Em 2014, gravou em São Paulo o espetáculo *Vieira, do Tejo ao Amazonas*. No cinema, participou em filmes de António Pedro Vasconcelos, Manoel de Oliveira, Alberto Seixas Santos, Maria de Medeiros, Bruno de Almeida, Christine Laurent e João Nicolau. Traduziu, em colaboração com Luís M. Cintra e José M. Mendes, *O Público*, de García Lorca, *Cimbelino*, Tito Andronico, *A Tragédia de Júlio César* e *A tempestade*, de W. Shakespeare, *Tiestes*, de Séneca, e, com Luís Miguel Cintra, *Quatro Peças Curtas*, de Courteline, *Os Desastres do Amor*, de Marivaux, e *Fingido e Verdadeiro*, de Lope de Vega. Para a editora Cotovia, traduziu Platero e Eu, de Juan Ramón Jiménez.

Cantata Vera Cruz para Coro, Orquestra e Narrador

A Carta sobre o achamento do Brasil, escrita no primeiro dia de Maio de 1500 por Pêro Vaz de Caminha, ao Rei D. Manuel I de Portugal, é um dos mais impressionantes documentos da história da humanidade. Para além de relatar o achamento pelos portugueses daquela zona do planeta, dá-nos a maravilhosa visão da descoberta e primeiro contacto entre duas culturas absolutamente desconhecidas entre si.

Como compositor comprometido numa visão humanista da História, colocar em música a carta de Pêro Vaz de Caminha é um dos maiores desafios que até ao momento tive o prazer de aceitar. Pelo carácter universal e colorido do documento, impõe-se o uso de uma grande orquestra sinfónica, juntamente com uma importante parte coral que cantará excertos do texto.

A carta, embora escrita na primeira pessoa, relata os acontecimentos que ocorreram naqueles dias, narrando-os directamente a D. Manuel I, aspecto que propicia a utilização de um narrador para além da parte coral; como se fosse a própria voz de Pêro Vaz de Caminha, as peripécias deste extraordinário encontro serão narradas entre intervenções da orquestra e do coro, oferendo à música o drama e o singular confronto deste episódio histórico.

Entre o passado e o presente, é mister, nos dias de hoje, manter um espírito aberto e sobretudo diligente a tudo o que não conhecemos, a que seja diferente da nossa própria realidade; caminhamos culturalmente para o que muitos chamam a "aldeia global", por isso esta carta, relatando o encontro pacífico entre a diferença e o novo, deve ser mais do que nunca, sinónimo de futuro, espelho do amanhã, daquilo que podemos e devemos realizar neste frondoso planeta chamado Terra.

Nuno Côrte-Real, 2017



Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos, participações em festivais de música nacionais e internacionais como Festival Internacional de Música e Dança de Granada; concerto de gala da Abertura da Feira do Livro de Frankfurt; concerto de encerramento da Expo'98; Festival de Música Contemporânea de Alicante e Festival de Teatro Clássico de Mérida. Colabora regularmente com a RTP através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, e da participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djangug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com sinfonias de Joly Braga Santos, sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn). No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Atualmente, a direção musical está a cargo de Joana Carneiro.

O Coro do TNSC foi criado em condições de efetividade em 1943, sob a direção de Mario Pellegrini. Entre 1962 e 1975, colaborou nas temporadas da Companhia Portuguesa de Ópera, sediada no Teatro da Trindade, e obteve o Prémio de Música Clássica conferido pela Casa da Imprensa. Participou em estreias mundiais de autores portugueses, como Fernando Lopes-Graça (*D. DuarroseFlérida*) e António Victorino d'Almeida (*Canto da Ocidental Praia*). Com Gianni Beltrami, a partir de 1985, registe-se a participação na Grande missa dos mortos (Berlioz), em Turim. João Paulo Santos sucedeu a Beltrami, constituindo-se como o primeiro português no cargo, registando vários êxitos: *Mefistofele* (Boito); *Blimunda* e *Divara* (Corgi); a Sinfonia n.º 2 de Mahler, *A criação* (Haydn); a cantata *Faust* e o *Requiem* de Schnittke; *Perséphone* e *Le rossignol* (Stravinsky); *Evgeni Onegin* (Tchaikovski); *Les Troyens* (Berlioz); *Missa glagolítica* (Janáček); *Tannhäuser* e *Die Meistersinger von Nürnberg* (Wagner); e *Le grand macabre* (Ligeti). Com o *Requiem* de Verdi, deslocou-se a Bruxelas (1991). O Coro tem atuado sob a direção de prestigiados maestros, como Antonio Votto, Tullio Serafin, Vittorio Gui, Carlo Maria Giulini, Oliviero de Fabritiis, Otto Klemperer, Molinari-Pradelli, Franco Ghione, Alberto Erede, Alberto Zedda, Georg Solti, Nello Santi, Nicola Rescigno, Bruno Bartoletti, Heinrich Hollreiser, Richard Bonyngue, García Navarro, Wolfgang Rennert, Rafael Frühbeck de Burgos, Franco Ferraris, James Conlon, Harry Christophers, Michel Plasson e Marc Minkowski, entre outros. Também foi dirigido em óperas e concertos pelos mais importantes maestros portugueses, com relevo especial para Pedro de Freitas Branco. Atualmente, a direção musical está a cargo de Giovanni Andreoli.